



**CENTRO DE HUMANIDADES, CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CÍNTIA DE KÁSSIA GOMES RÉGIS**

***AMANHECER ESMERALDA DE FERRÉZ: DIÁLOGOS  
ENTRE A LEI 10.639/03 E A SALA DE AULA***

**GUARABIRA-PB  
MARÇO DE 2014**

CÍNTIA DE KÁSSIA GOMES RÉGIS

***AMANHECER ESMERALDA DE FERRÉZ: DIÁLOGOS  
ENTRE A LEI 10.639/03 E A SALA DE AULA***

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras sob a orientação da Professora Ms. Eveline Alvarez dos Santos.

GUARABIRA-PB  
MARÇO DE 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R335a Régis, Cíntia de Kássia Gomes  
Amanhecer Esmeralda de Ferréz: [manuscrito] : diálogos entre a lei 10.639/03 e a sala de aula / Cíntia De Kássia Gomes Régis. - 2014.  
31 p. : il.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Eveline Alvarez dos Santos, Departamento de Letras".

1. Literatura infanto-juvenil. 2. História Afro-brasileira. 3. Cultura Afro-brasileira. 4. Valorização racial. I. Título.

21. ed. CDD 981

**CINTIA DE KÁSSIA GOMES RÉGIS**

**AMANHECER ESMERALDA DE FERRÉZ: DIÁLOGOS  
ENTRE A LEI 10.639/03 E A SALA DE AULA**

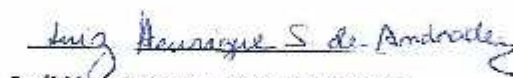
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras sob a orientação da Professora Ms. Eveline Alvarez dos Santos.

Aprovada em 07/03/2014.



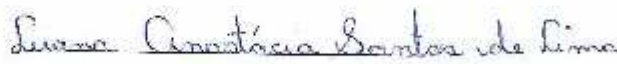
Profª Ms. Eveline Alvarez dos Santos - UFPB

Orientadora



Profª Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade

Examinador



Profª Ms. Luana Anastácia Santos de Lima

Profª Ms. Luana Anastácia Santos de Lima

Examinadora

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, em primeiro lugar, que a cada minuto de agonia estava do meu lado dando-me força e iluminando os meus pensamentos.

À minha mãe **Tereza** e ao meu pai **Valdeci**, que desde criança incentivaram-me e fizeram de tudo para que eu chegasse aqui hoje, a minha família amada, meu muito obrigada.

Ao meu namorado, **Joesley Souza** que esteve do meu lado todos os dias, me encorajando e acreditando no meu potencial, obrigada pelo carinho e compreensão de todos os dias, a você o meu amor e a minha dedicação.

Aos meus amigos queridos, em especial **Sabrina Rivad'via** e **Samara Costa** que durante os 4 anos fizeram das minhas noites as mais felizes de todos os tempos, a vocês minha eterna amizade.

Agradeço também, aos meus **professores** queridos, que durante todo o curso me trataram com tanto carinho e dedicação, tenho certeza que minha vida acadêmica trará um pedacinho de cada um de vocês, a todos, meu muito obrigada.

À professora e orientadora deste, **Eveline Alvarez**, muito obrigada.

A **todos** que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho, a todos, meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente artigo discute e analisa como são vistas as personagens negras na Literatura Infantojuvenil depois da implementação da Lei nº 10.639/03 que obriga as escolas públicas e privadas a incluírem em seus currículos escolares o ensino da História e Cultura Africanas. Percebemos ainda como problema o fato de muitas escolas não respeitarem a Lei e continuarem por estereotipar o papel do negro enquanto personagens de histórias infanto juvenis. Por outro lado iremos analisar o trabalho de quem valoriza a cultura negra, como Ferréz que nos traz em seu livro, *Amanhecer Esmeralda*, uma visão positiva e elevada de como a beleza negra pode ser valorizada. Utilizamos também autores como: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (2005), Jovino (2006), Costa (2009), Bakhtin (1992) e Oliveira (2008).

**Palavras-chave:** Literatura Infantojuvenil, História e Cultura Afro Brasileiras, preconceito e valorização racial

## 1. Introdução

A Literatura Infantojuvenil é um dos gêneros da Literatura de suma importância no que se diz respeito à visão de mundo que um leitor possa ter, é através também dela que muitos jovens e crianças constroem seu conceito de identidade e visão de mundo.

Com o apoio deste gênero literário, decidimos tratar de como as personagens negras desta literatura foram representadas através da linha do tempo e como estão sendo abordadas nos dias atuais. Para chegar a tal análise faremos uma ponte entre a História e a implementação da Lei nº 10.639/03, que obriga as instituições sejam públicas ou privadas, a incluírem em seus currículos o Ensino da Cultura e História Afrodescendente.

Conhecendo a necessidade da real implementação da lei em questão, nosso trabalho tem como objetivo criar um momento em sala de aula que permita ao aluno leitor da literatura infantojuvenil ter contato com esse tema que ainda é permeado de lacunas e estereótipos.

No primeiro momento do nosso trabalho trataremos da Lei nº 10.639/03 e o que ela traz de inovador para o ensino em geral e para a Literatura Infantojuvenil. No segundo momento faremos uma breve análise de como eram representadas as personagens negras na Literatura Infantojuvenil em um percurso histórico. No terceiro momento faremos um relato de experiência de como podemos utilizar, em sala de aula, livros que tenham em sua essência personagens negros de uma maneira positiva e valorizada.

Como foco para tal análise, elegemos o livro *Amanhecer Esmeralda*, do escritor e músico paulistano Ferréz. E por fim, trazemos uma caracterização da personagem Manhã, que é a personagem principal do referido livro. Na caracterização, destacamos o diferencial que a pequena Manhã nos traz e quais são os pontos positivos de se trabalhar este livro tão diferente dos clássicos de nossa Literatura Infantojuvenil, estes que sempre apresentaram características eurocêntricas. Trabalhar com o livro de Ferréz em sala de aula de maneira analítica nos remete à importância da valorização histórica e cultural que deve ser lembrada e trabalhada em sala de aula para assim

quebrar com estereótipos negativos que foram construídos no decorrer da nossa história.

Como pressupostos teóricos, utilizaremos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (2005), Jovino (2006), Costa (2009), Bakhtin (1992) e Oliveira (2008).

## **2. A Lei 10.639/03 e A Sala de Aula**

A Lei 10.639/03 é uma alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelecia as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e que em 2008 foi alterada pela Lei 11.645/08, obrigando assim, todas as escolas públicas e privadas a acrescentarem em seus currículos o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, seja no ensino fundamental como no médio. De acordo com a revista eletrônica Canal do Educador<sup>1</sup> "A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana". Sendo assim, os professores devem ter em mente que a cultura afro-brasileira, na verdade, faz parte de nossa história e que nossa cultura está enraizada nela, trabalhando assim, em sala de aula, a valorização do negro enquanto sujeito histórico, mostrando nossas raízes na música, culinária, religião, danças e numa infinidade de costumes africanos. Eliane Cavalleiro, pedagoga e coordenadora geral da Diversidade e Inclusão Educacional do Ministério da Educação (MEC) afirma que:

Ao entrar em vigor a Lei nº 10.636/03 a legislação rompe com a ordem dos currículos ao propor um novo conhecimento científico, contrário à superioridade da produção cultural europeia, onde por exemplo, os contos de fadas e as histórias literárias têm como protagonistas personagens brancas (2005, p. 21).

É perceptível que o documento em vigor indica que a História e a Cultura Africana sejam trabalhadas em sala de aula a partir de uma visão mais

---

<sup>1</sup> <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm> ( Acesso em 05/03/2014)



elevada e não colocando em foco os estereótipos que foram enraizados acerca do continente africano. A intenção do trabalho é que os alunos valorizem as marcas de raiz da cultura africana, que são presentes até hoje na memória e nas marcas de sua cultura.

Uma das orientações da lei em questão é convidar membros do Movimento Negro para elaborar projetos pedagógicos na escola. Com a criação e aceitação da Lei 10.639/03 pelas escolas, também foi escolhido um dia do ano para homenagear o dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares, grande guerreiro na luta dos africanos contra o preconceito e cárcere dos negros escravos, sendo assim instituído o Dia da Consciência Negra, o dia 20 de novembro. Nesta data todas as escolas e órgãos públicos realizam atividades que valorizem e lembrem a cultura africana. Como professores, devemos ensinar aos nossos alunos a ter respeito e valorizar a cultura negra constantemente, afinal somos um só povo, mas no dia da consciência negra lembramos da luta contra o preconceito racial no Brasil e temos como objetivo levar ao povo brasileiro a história de sua cultura.

Uma das maneiras de implantar desde cedo a valorização da cultura negra, na educação das crianças, é saber selecionar os livros didáticos de Literatura Infantojuvenil que podem ser trabalhados em sala de aula, mostrando que o negro também pode ser visto como herói ou mocinho na histórias mostrando que a cor não está acima de tudo e que as diferenças existem para serem respeitadas e compreendidas. Alguns destes livros já estão de acordo com o conteúdo da Lei 10.639/03, e um exemplo claro disso é *Amanhecer Esmeralda*, que será trabalhado nas próximas páginas.

Depois de muitas mudanças em relação à questão social de nosso país e mesmo após 10 anos da implementação da Lei nº 10.639/03, a realidade de nossas escolas ainda não é a melhor possível, afinal foram poucas as escolas que adotaram a História e a Cultura Africanas como disciplinas em seus currículos. E para alcançarmos eficácia, é preciso que as escolas não somente adotem a História e a Cultura como disciplinas, mas também que haja investimento na área, como por exemplo na formação de professores qualificados na área e material didático adequado; afinal sem ambos os investimentos não é possível ensinar aos alunos que o Continente Africano teve grande importância na formação da história e da cultura de nosso país.

Sabemos que a criação da Lei de nº 10.639/03 tem como um de seus objetivos acabar com o racismo e o preconceito existente nas próprias escolas, ela exige do professor que ele ensine a seus alunos respeitar e valorizar a cultura afro, mostrando que sem ela não seríamos quem somos hoje e que nosso país é rico de suas culturas e artes. O reconhecimento da Lei nos traz muitos pontos positivos para nosso país, trazemos com ela a igualdade de direitos no gênero racial, social e humanista, fazendo disso ponto de partida para novos caminhos onde o negro seja cada vez mais respeitado. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira:

Reconhecer exige respeito e valorização à pessoas negras, à sua descendência africana e à sua cultura e história. Significa buscar compreender seus valores e lutas e ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos e fazendo de pouco das religiões de raízes africanas. Implica ainda em criar condições para os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor de sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir seus estudos e de estudar questões que dizem respeito a comunidade negra (2005, p.25).

Sendo assim, para conquistar um resultado eficaz para a Lei nº 10.639/03, as escolas devem adotar políticas educacionais e estratégias pedagógicas de valorização da diversidade étnico racial, presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino. O Manual de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana sugere tais estratégias, como por exemplo:

- Atividades que rompam com as imagens negativas forjadas pelos meios de comunicação, contra os negros;
- Ampliação ao acesso sobre a formação da nação brasileira;
- Excelentes condições de formação e de instrução para os professores e profissionais da área em diferentes níveis;
- Materiais e recursos didáticos voltados para valorização da cultura negra;
- Criação de projetos pedagógicos que envolvam a cultura e a história negras como foco;
- Educação patrimonial mostrando como se deu origem ao patrimônio cultural Afro Brasileiro;

- Participação de grupos do movimento negro e de grupos culturais nos eventos educacionais (2005, p. 27).

Estas estratégias pedagógicas e sociais mostram a mudança de mentalidade, de maneiras de agir dos indivíduos e assim também das instituições educacionais e de suas tradições culturais, ou seja, o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, após a aprovação da Lei 10.639/03, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil

A implementação da Lei e seus objetivos só alcançarão sucesso se todos se dedicarem e se empenharem na construção de uma identidade afrodescendente baseada em fontes que mostrem os dois lados da história africana, ou seja, que não se mostre apenas o sofrimento daquele povo, mas sim suas lutas e conquistas alcançadas até hoje. Para Ricardo Franklin Ferreira (2004, p.21), autor do livro *Afrodescendente: identidade em construção*, “a mídia e a escola ainda alimentam o preconceito de cor ou mesmo negam a importância da presença da cultura africana em nosso país, ora de forma velada, ora de modo explícito”.

Sendo assim, é necessário que a educação em si, busque visar na escola não apenas o que o aluno aprendeu nas aulas de Português e Matemática, por exemplo, e assim buscar analisar e compreender a vivência de cada aluno e através disso usar a Lei 10.639/03 para mudar sua maneira de interpretar o mundo como apenas dos “brancos”. Uma vez que é fato que o preconceito racial e a discriminação se proliferam nas escolas, através de mecanismos ou até mesmo do ritual pedagógico entendido como a materialização da prática pedagógica, excluindo dos currículos escolares a história de luta dos negros na sociedade brasileira.

### 3. Personagens Negras na Literatura Infantojuvenil

A literatura voltada para crianças demorou muito para ter destaque na vida dos leitores, ela, por exemplo surgiu no final do século XVII entre o início do século XIX, diferente da literatura tradicional que surgiu nos primórdios da antiguidade. De acordo com Costa (2009 p.10):

No Brasil, a literatura para crianças tem início no século XIX, quando Carlos Jansen, começa a traduzir e adaptar livros para o público infantil. Dentre os contos traduzidos estão: Contos Seletos das Mil e Uma Noites (1882) e Robinson Crusoe (1885). Outros escritores como Figueiredo Pimentel, Julia Lopes de Almeida e Tales de Andrade, também foram atuantes no que se refere à escrita de histórias específicas para os pequenos, principalmente em finais do século XIX e início do século XX. Este último, Tales de Andrade, escreveu uma série de livros que foi indicada pela CNLI como bons livros para crianças. Outro autor que se ocupou de livros para crianças foi Olavo Bilac. Escreveu os livros “Poesias infantis” e “Teatro para crianças”, mas, o mais famoso e significativo – segundo especialistas em literatura infantil – foi Através do Brasil, no qual percebe-se forte caráter pedagógico, procurando ensinar às crianças o bom português, formal, e lições sobre a História e a Geografia do Brasil.

A dificuldade encontrada não era uma particularidade da CNLI (Comissão Nacional de Literatura Infantil). E assim, a literatura infantojuvenil é muitas vezes, marginalizada, não recebendo o devido incentivo que merece. Tal incentivo deveria começar justamente na divulgação, pelos jornais e revistas de grande circulação, de novas obras, de novos autores e de novos temas. Assim, com maior divulgação desse gênero literário, além de outros recursos necessários, a adesão dos leitores mirins ao mundo das letras se tornaria mais fácil. Costa (2009 p.13) afirma que:

Elvira Nizínska, por sua vez, embora reconheça a função da literatura infantil como “recreação”, argumenta que ela deve ter um caráter pedagógico, para que as crianças podem ao mesmo tempo “brincar” e “aprender”: a Literatura terá como caráter essencial o recreativo e irá preencher, de modo agradável as horas de lazer e fornecer, à criança, elementos úteis de derivação e compensação. Entretanto, não deve ser apenas essa a finalidade da Literatura Infantil. Ela pode enriquecer e alargar a experiência da criança (experiência no seu sentido mais lato), pode despertar e aperfeiçoar qualidades morais e artísticas.

E na construção dessa literatura agradável de se ler o aproveitamento da tradição popular, de transmissão originalmente oral e vinculada às

populações dependentes da economia agrícola, sempre foi uma constante da literatura infantojuvenil desde seu aparecimento na Europa, nos séculos XVIII e XIX. No Brasil, não aconteceu essa apropriação direta do material, e sim o recurso ao acervo europeu, quando este já tinha assumido a condição de literatura para crianças, analisando esse fato percebemos que a influência europeia, no Brasil, vai muito além do que se pensou. Por exemplo, a história e a cultura africanas têm pouco ou nenhum destaque na Literatura Infantojuvenil, diferente da europeia, por exemplo.

Algo interessante para refletirmos é o fato de nos serem dados a conhecer a literatura sempre a partir de um referencial europeu, mesmo pensando no fato que ela tem que ser escrita mediante aos fatores históricos ao nosso redor. Fomos acostumados às diversas adaptações de contos de fadas como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Joãozinho e Maria, Branca de neve ou às diversas histórias do livro Mil e uma Noites (JOVINO, 2006 p.183).

É inadmissível um país que possui 50% da população afrodescendente, as escolas não ensinem aos seus alunos quem foi a rainha Nzinga, líder da libertação do reino africano Ndongo em 1660, ou Dandara, guerreira do quilombo dos Palmares, por exemplo. Personagens essas que tiveram papéis marcantes na formação da história e cultura afro-brasileira, e quase sempre ou sempre são deixadas de fora na Literatura infantojuvenil. Segundo Cademartori (1986 p. 25):

A palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite. Assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele.

Cademartori (1986, p. 36), ainda afirma que “é nesse sentido que a Literatura Infantojuvenil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. Segundo Houaiss o conceito de personagem é:

s.2g.1 pessoa notável; personalidade (importante pessoa da nossa história) 2 papel representado por um ator ou atriz de teatro ou filme 3 p.ext. cada uma das figuras humanas que participa das obras de ficção 4 figura humana representada nas obras de arte”. (2001, p. 566)

Sendo assim, sabemos que as personagens podem ter papel incentivador ou de comparação dentro da literatura para crianças. O que as

crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de bom ou mau, certo ou errado, ou seja, tudo está vinculado ao fato do negro ser sempre o ruim e o branco ter destaque sempre como o mocinho. Na charge, abaixo, podemos perceber que o branco está representado como alguém que sempre está por cima, enquanto o negro é tido como um marginal. Imagens como essa circulam no livros didáticos, estes formadores de crianças e jovens que estão na escola.



Figura 1 (SILVA, A. S.; Bertolin, R; Oliveira, J. A. 2001, p. 211 apud COSTA 2009 p. 51)

E visando isso, é que entraram as contribuições da Lei 10.639/03 que modificou também as personagens encontradas nos livros infantis, antigamente esses livros traziam personagens marginalizadas e sempre vistas como as coitadinhas, após a implementação da Lei, já podemos observar uma grande mudança no conceito de personagem criada pelos autores dos livros atuais, e como exemplo disso temos a obra *Amanhecer Esmeralda* que traz consigo uma temática que valoriza os traços da personagem negra. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (2005), fazendo com que as escolas acrescentem em suas metodologias, a valorização da cultura e da história afro-brasileiras, sendo assim, tanto no ensino fundamental como no médio, os alunos e professores estarão em harmonia com as Artes e Cultura Africanas. Bakhtin (1992 p. 46) nos ensina, que:

As narrativas funcionam como estratégias formadoras de consciência, isto é, a leitura de uma história, um conto, uma narrativa, enfim, pode proporcionar a oportunidade de se deparar com situações vividas pelas personagens que provocam sensações, reflexões e formas de identificação que acrescentam valores na consciência do leitor ao se identificar com os personagens, gerando assim, um conhecimento ético e estético.

Partindo desse pressuposto fica claro que a Literatura modela cidadãos mais conscientes enquanto crianças, jovens e até mesmo os adultos. Bakhtin nos mostra que tudo que é ensinado e lido na sala de aula pode refletir no cotidiano do alunado, fazendo com que ele se sinta da mesma maneira que são refletidas as características das personagens negras na Literatura Infantojuvenil. Oliveira (2008, p.12) nos mostra que:

em doze narrativas literárias publicadas nos anos 8010, foi constatado que: 1) os protagonistas negros são, em grande maioria pobres; 2) os protagonistas brancos mesmos pobres, são tecidos em condições superiores aos negros; 3) as mães dos protagonistas negros desempenham atividades profissionais de domésticas; 4) em contrapartida, as personagens brancas, sejam elas antagonistas, secundárias ou figurantes, são caracterizadas em funções ou ações intelectuais e/ou profissionais superiores às negras; 5) alguns personagens negros são imersos em um universo de doença, subsistência, fome, morte, perseguição, solidão, rejeição, inferiorização mas, também, de coragem, luta, integridade, criatividade, esperança, perseverança e resistência; 6) os brancos simbolizam a superiorização, proteção, perseguição, bondade, maldade, instrução e poder.

Ou seja, em nenhum dos clássicos vimos uma personagem que seja valorizada por sua cor, cabelos, maneira de viver ou até mesmo por sua descendência, ou seja, as personagens estão sempre abaixo das personagens brancas, ricas e lindas dos contos de fadas, ou seja, a produção clássica da literatura infantil mundial, por exemplo, nos oferta dezenas de situações onde se sobressaem idealizações de tipos físicos, psicológicos e culturais que dimensionam um príncipe ideal, imberbe, branco ocidental, uma princesa, um vilão e seus coadjuvantes. Tais personagens povoam o imaginário infantil e constituem por excelência, o referencial de beleza e destreza de muitas histórias infantis. A descrição negativa das personagens negras pode endossar ideologias de branqueamento, de superioridade de uma raça ou cultura e da própria negação de uma identidade étnica em função da construção de outra, considerada superior, neste caso, o discurso do elemento branco e europeu trazendo até indícios de preconceito diante da descendência negra.



Um exemplo disso, é a personagem Tia Nastácia do sítio do Pica Pau Amarelo escrito por Monteiro Lobato, que é criticado por muitos teóricos por caracterizar em suas obras o negro como o menos favorecido diante dos brancos, por exemplo, por que o negro aqui não é representado pela Dona Benta? Por que a personagem branca (Dona Benta), não é a cozinheira? Por que que Tia Nastácia não é representada como a dona do sítio? Sem falar que Tia Nastácia sempre é alvo de brincadeiras de mal gosto vindas da boneca Emília.

O papel que o negro ocupou por muito tempo na literatura infanto-juvenil, como o menos favorecido ou o personagem de má índole, gerou uma visão negativa e marginalizada dessa etnia tão inferiorizada. Para Iser (1983 p.958):

O texto ficcional carrega consigo elementos do real e os questiona ou os alicerça através de seu posicionamento valorativo, esses elementos do real, contudo, não se limitam a presença de aspectos sociais, mas estão entranhados na emoção, no sentimento coletivo de um dado grupo cultural e simbolizam no plano estético um imaginário que mantém um vínculo estreito com a realidade retomada pelo texto.

Ou seja, a literatura infantojuvenil espelha o mesmo tratamento que é dado ao negro pela sociedade. As construções dos personagens negros tem implicações na identidade, principalmente das crianças negras que não se notam nas histórias infantis de reis, rainhas, príncipes, e princesas e heróis. Os negros no geral, são representados de maneira inferior aos brancos, aonde são sempre marginalizados e vistos com um referencial ainda da escravatura. Não há história do negro antes dessa época nas obras infantis. Neste sentido, buscou se iniciar uma reflexão sobre personagens negros na literatura infantojuvenil, a pesquisa aconteceu na escola por ser espaço onde acontece a veiculação das obras infantis.

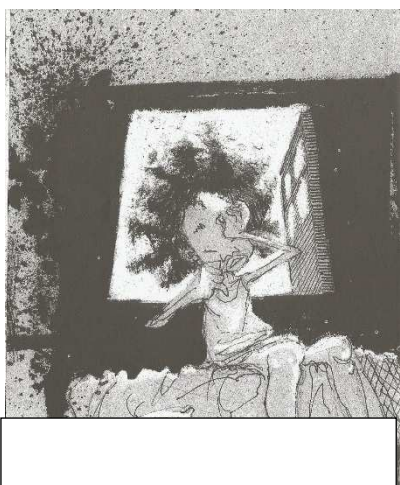
Percebeu-se que os professores não costumam trabalhar efetivamente com o gênero literário específico para a criança. As escolas, por exemplo, possuem sim, exemplares de livros para crianças onde os negros são



representados numa maneira positiva e não negativa, o que acontece é que muitos professores não estão acostumados a sair da “normalidade” e trabalhar a valorização dos direitos igualitários a todos. Panorama que persiste mesmo com a lei federal 10.369/03. Por este motivo, criar condições para o desenvolvimento de atitudes de respeito à diversidade é uma das responsabilidades das escolas durante toda a Educação Básica. Para que as crianças aprendam a valorizar o diferente, é preciso, desde cedo, trabalhar a questão rotineiramente e não apenas em datas comemorativas.

#### 4. Caracterização da Personagem Manhã

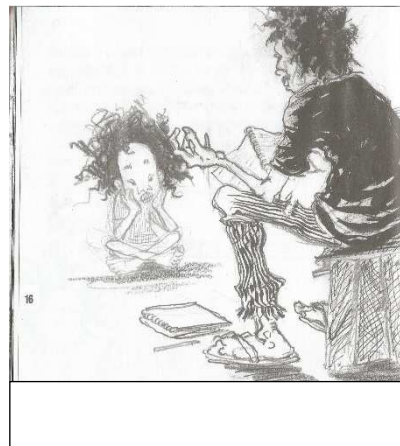
A pequena Manhã é a personagem principal do livro Amanhecer Esmeralda do compositor paulista Ferréz, e ilustrado por Igor Machado, foi publicado em 2005 e é considerado um dos mais importantes da chamada Literatura Marginal do Brasil. O livro nos traz uma reflexão sobre a autoestima de muitas crianças que vivem nas mesmas condições que a pequena Manhã, uma menina de 9 anos de idade que trazia consigo responsabilidades de mulher, filha de uma empregada doméstica e de um trabalhador civil, mora na periferia de uma grande cidade, chamada Jardim das Rosas, onde na verdade flores não tinha, era uma casa pequena e “pobrezinha” ela tem que acordar cedo todos os dias, o que não é tarefa nada fácil para ela, tinha que se preparar para ir à escola, cuidar de si e da casa sozinha.



Manhã acorda todos os dias desaminada e desacreditada da vida e fica com autoestima mais baixa ainda quando se coloca em frente ao espelho e não se reconhece bonita. Quando chega na escola fica sempre recolhida e quieta no seu canto, ela era completa de sonhos, pensava no que podia ser quando crescer, mas ao mesmo tempo permanecia com os pés no chão quando se imaginava limpando as casas dos outros,

afinal ela tinha em casa a mãe como referência.

O pai dela a incentiva a estudar, todos os sábados quando ia revisar seus cadernos sempre de maneira rápida. Como podemos observar, na imagem, ao lado, Manhã não se mostra entusiasmada com as palavras de seu pai, no mais deve se sentir desestimulada toda vez que chega em casa e se depara com a realidade de seus pais e aquela pobreza e fragilidades. O que acontece muitas vezes com nossas crianças nos dias de hoje, os pais pedem para estudarem, para que um dia possam usufruir de tudo aquilo que eles não podem dar no momento.



E como em um conto de fadas, só que nesse caso, moderno, Manhã encontra em seu caminho uma fada madrinha, quer dizer uma “fada padrinho”.

Falo do tão querido professor da menina, ele se chama Marcão, um professor

prestativo e culto e sempre fazia questão de iniciar suas aulas com um breve discurso sobre a sociedade e a moral, mas em certo dia. Marcão observou que no canto da sala tinha uma menininha sempre mal vestida e desarrumada, foi aí que decidiu chamar Manhã para uma pequena conversa, durante a conversa percebeu que os sonhos da pequena menina poderiam ser destruídos se ela continuasse tendo aquela rotina a partir disso que a história toma outro rumo.



No dia seguinte Marcão presenteou Manhã com um belo vestido cor de esmeralda, essa cor nos transmite tranquilidade é a cor da esperança, e é exatamente isso que esse pequeno presente transmite a nossa menina, o próprio autor diz no prefácio do livro que ao dar aquele presente Marcão estava dando a menina a esperança.



E essa esperança pode ser sentida pela própria Manhã, que foi só fixar o olhar na cor do vestido e um belo sorriso apareceu. A partir daqui tudo muda para a pequena negra de cabelos rebeldes e lábios carnudos. Nesse momento a história toma outro rumo e encontramos um diferencial das histórias que estamos acostumados a ler, onde o negro é desvalorizado e tido como coadjuvante nas histórias infantis. O livro em si é pertinente para ser trabalhado com crianças do fundamental II, pois é nessa fase em que elas estão descobrindo o mundo e aprendendo sobre as diferenças e o respeito, é na escola e no que o professor transmite ao que ele encontra subsídios para construção de sua identidade, e é o que Bakhtin nos traz:

[...] na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e ouvinte. Bakhtin (1997, p.113).

A palavra que o professor traz na sala de aula pode alcançar pequenas vidas como a de Manhã, aonde um simples gesto de alguém que a viu lá no canto, com seguiu transformar sua vida numa bola de neve, só que de coisas boas. Até o momento em que Manhã ganha de presente o vestido de seu professor, percebemos que o livro está todo em preto em branco, sem vida ou alegria, mas a partir das páginas em que a menina abre seu presente as cores vão tomando forma e o verde vai tomando conta das páginas e dando a sensação de esperança naquela história que há pouco parecia tão triste. Como foi mencionado, daqui em diante as coisas começam a mudar para a pequena Manhã, afinal fazia tempo que a menina não sabia o que era dar um sorriso gostoso. Marcão sabia que para Manhã ficar mais bonita ainda, precisaria fazer mais algumas coisinhas, foi que pediu ajuda a Dona Ermelinda que era a merendeira da escola, Dona Ermelinda se encantou com os lindos traços

africanos da pequena Manhã, pediu que ela tomasse um banho e que colocasse seu vestido tão lindo, Manhã ficou receosa, afinal tinha vergonha de tudo aquilo que acontecia, mas quando se imaginou linda nem pensou duas vezes e foi.

Dona Ermelinda disse que ia fazer nela uma trança raiz, que é aquelas trancinhas rasteirinhas, típicas da cultura negra, e ainda salientou dizendo que toda afrodescendente deveria usar penteados que tinham mais a ver com seu povo. Enquanto Dona Ermelinda fazia a trança em Manhã ela contava-lhe sobre as raízes africanas que todos os negros tem e ainda disse que quem sabe Manhã não era descendente de alguma rainha trazida para cá. A cada história a menina se encantava mais e mais, foi aí que Dona Ermelinda trouxe o espelho e Manhã pela primeira vez não se viu mais como aquela menina descabelada e suja, agora ela se via como ela realmente era, mas nunca tinha se dado conta: linda.



Figura 7, Livro *Amanhecer Esmeralda*. P. 32

A imagem ao lado mostra o que Manhã viu ao se olhar no espelho, uma imagem de esperança, na qual o verde está bem representado. Essa imagem é uma boa dica de se trabalhar em sala de aula, o sorriso de Manhã está tão lindo quanto de uma princesa, com ela pode-se conseguir de nossos alunos a imagem que eles tem quando olham para a imagem que há tempos não tinha nos livros de histórias infantis, ou

seja, uma personagem negra exaltando sua beleza.

O que está bem claro na figura 7, é a representação da esperança, vemos que toda a página está em verde esmeralda, a partir da página 26, figura 8, vemos que o esmeralda vai tomando forma nas páginas, e deixando as imagens mais definidas. E para entendermos melhor, trazemos aqui o significado do esmeralda, segundo Chevalier:

A cor esmeralda faz relação com a pedra preciosa de mesmo nome e sendo assim podemos dizer que “verde e translúcida, a esmeralda é a pedra da luz verde, o que lhe confere a um só tempo, uma significação esotérica e um poder regenerador (2007, p.390).

Manhã não podia acreditar no quanto que tinha ficado bela, não era mais aquela menina descabelada e recolhida, que tinha medo de espelhos:

Foi ao banheiro e não teve que molhar o cabelo, pois as tranças estavam do jeito que foram feitas. Olhou bem para o rosto no espelho, e viu pela primeira vez os traços daquela rainha africana que Dona Ermelinda havia falado. Não tinha mais vergonha do nariz, não tinha mais vergonha de sua boca, era assim que deveria ser (FERRÉZ, 2005, p.45).

Na sala de aula podemos trabalhar atividades que envolvam imagens como essa, onde o negro está bem representado, podemos construir no intelecto do aluno o pensamento que valoriza o conhecimento das diversas culturas que nos rodeiam, afinal é através da literatura e do ato de ler que muitas crianças e jovens constroem suas identidades e visão de mundo. É o que está bem representado nas palavras de Gouveia, abaixo:

A literatura infanto-juvenil constitui um campo de produção, circulação e apropriação cultural, seu estudo tem sido fonte importante para a investigação histórica. No trabalho historiográfico, a literatura tem sido ferramenta de apreensão da dinâmica sociocultural de diferentes momentos históricos. Porém, há que se destacar a especificidade da fonte e a importância de o historiador tomar o texto literário não como descrição do real, mas como sua representação. Representação esta constituída no diálogo com as demais práticas culturais, que conferem à prática literária sua sustentação (GOUVEIA, 2005, p.3).

A mudança que ocorre na vida da menina de 9 anos, que até então pisava seus sonhos por falta de possibilidades e não gostava de espelhos tremenda, podemos perceber que a autoestima de Manhã já não é mais baixa e que ela se reconhece enquanto negra, mas ver sua beleza, de uma maneira diferente, bem como observamos na figura, abaixo:



Após reconhecer sua beleza negra, Manhã ao se olhar no espelho, via em si características das rainhas africanas, aquelas que Dona Ermelinda havia lhe contado, ela já não tinha vergonha de ser quem era, mas sim se orgulhava de pertencer a uma etnia tão guerreira. O que podemos perceber nesse livro de Ferréz é a maneira como a personagem vai se moldando e se reconhecendo como rainha, inclusive a

palavra rainha africana está bem destacada no livro, diferente dos livros de outrora, onde o negro era sempre maltratado.

Mas um diferencial no livro de Ferréz, é o fato do negro ter sido sempre o alvo de personagens marginalizados, e muito menos éramos acostumados a ver rainhas de pele negra, pois até então a personagens de rainhas nos contos de fadas e histórias infantis eram sempre brancas, ou seja reinava o eurocentrismo reinava no que se diz respeito a literatura infantil, Oliveira nos mostra que:

Cabe, então, desvelar as nuances do eurocentrismo em nossas produções literárias, de modo a sinalizar caminhos plausíveis para a inserção dos segmentos étnico-raciais secularmente preteridos. Mas para tanto é necessário que, em primeiro lugar, haja uma efetiva sensibilização e conscientização dos (as) educadores (as) quantos às práticas racistas, considerando as implicações destas para a nação brasileira como um todo, e não só para a população negra e indígena, por exemplo (OLIVEIRA, 2003, p. 159).

Ou seja, o professor tem que estar preparado para saber trabalhar e produzir com o que pede a Lei nº 10.639/03, para o ensino das escolas. Ele tem que mostrar e explicar aos alunos que existe uma diversidade étnico racial, e que todos temos que além de respeitar, temos também que valorizar, porque afinal o Brasil é uma país onde metade de sua população é afrodescendente e provavelmente grande parte de nós também pertencemos a esse povo, mesmo que não seja pela cor, mas sim pelo sangue. E como o final feliz da nossa história, temos a incrível mudança que o vestido esmeralda provocou, na vida de todos que rodeavam a pequena Manhã pois de tão linda que ela que ficou,

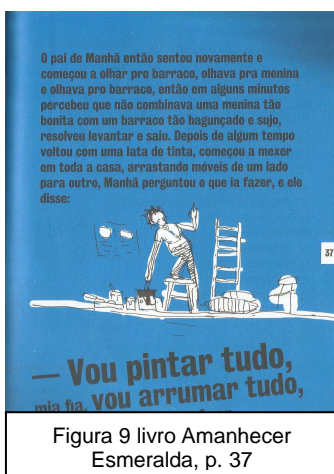


Figura 9 livro Amanhecer Esmeralda, p. 37

ela fez com que seu pai, que só vivia bêbado e sem se importar com a vida, tivesse outra postura diante da família. Ele decidiu mudar tudo no barraco onde eles moravam, porque afinal “uma menina tão bonita não combinava com um barraco tão bagunçado”.

Na imagem ao lado podemos observar que mais uma vez as cores vão tomando conta das páginas, dessa vez é o azul, que chega no momento em que Manhã chega em casa trazendo a

tranquilidade:

Mais uma vez nos remetendo ao dicionário de símbolos, podemos dizer que o azul é “a mais profunda das cores: nele o olhar mergulha, sem encontrar qualquer obstáculo [...] aplicada a um objeto, suaviza as formas” (CHEVALIER 2007, p. 107) [grifo do autor].

O simples fato da personagem ter ganhado um vestido, aliás o vestido esmeralda, fez com que a vida de todos que rodeavam a menina tivessem suas vidas e suas histórias mudadas, pois a atitude do pai de Manhã fez com que todos do local onde moravam mudassem suas casas e sua rua, mudando assim o aspecto de periferia para um lugar mais bonito. O poder que a imagem tem sobre o aluno vai muito além do que apenas seus olhos conseguem captar nelas, o bom de se trabalhar esse livro em sala de aula é que o conceito de imagem está bem definido pelo desenrolar da história. E para finalizar a nossa análise trazemos a última imagem do livro, onde reflete tudo de bom que a personagem Manhã conseguiu para sua vida.



Figura 10. Livro Amanhecer esmeralda. p. 46 e 47

Na figura 10 vemos uma Manhã diferente da do início da história, esta aqui não tem vergonha de si, pelo contrário se orgulha dos traços afrodescendentes e se reconhece como negra. Percebemos também que no fundo da imagem está o local onde a garotinha mora, e diferente também

do início, este agora também não é mais o Jardim das Rosas sem as rosas.

## **5. Amanhecer Esmeralda em Sala de Aula**

### **5.1. OBJETIVO GERAL**

Observar os alunos acerca das impressões deles em relação a valorização da cultura afrodescendente.

### **5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Promover na escola a valorização da cultura afrodescendente e com isso impulsionar o aluno a compreender que existe algo chamado diversidade cultural, aonde cada um é cada um, mas vistos de maneira igualitária. Onde todos merecem ser respeitados independente da sua cor, sua raça e suas características físicas.

### **5.3. JUSTIFICATIVA**

Justifica-se este miniprojeto na medida em que ele objetiva valorizar a cultura negra como elemento construtor da sociedade brasileira e com isso buscar o resgate da autoestima dessa população que muitas vezes se sente excluída e marginalizada por nós mesmos.

### **5.4. METODOLOGIA**

A metodologia se fundamentará no estudo do livro *Amanhecer Esmeralda* do escritor paulista Ferréz e imagens escolhidos a partir da realidade dos alunos, que permitem tecer relações entre os conteúdos abordados e o cotidiano deles. Desta forma, os alunos irão associar as imagens do seu cotidiano com as que o livro nos traz, fazendo assim uma ponte entre suas histórias e as da pequena personagem Manhã.

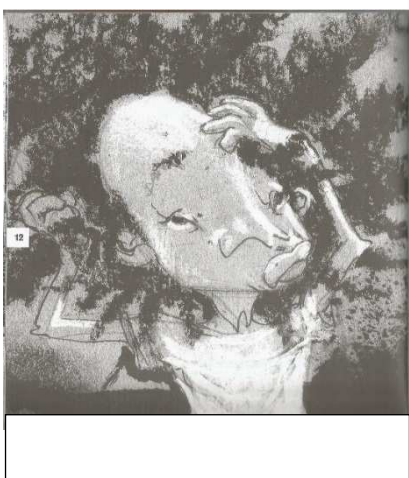
### **5.5. ENCAMINHAMENTO:**

As atividades deste miniprojeto foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino, na cidade de Mulungu, podendo ser aplicadas no ensino fundamental II que comporta de 6º a 9º ano, mais especificamente nesse caso trabalhada com uma turma de 9º ano. Elas foram trabalhadas por aula, mas podem também ser executadas em um dia voltado para a literatura na escola, como por exemplo o dia do livro, levando em consideração que ele que o trabalho de valorização do negro do negro é



uma atividade que requer atenção o ano inteiro, fazendo assim uma ligação ao incentivo ao ato de ler com o respeito na diversidade cultural na escola, dessa maneira a realização de atividades desse nível quebrará com a rotina do método tradicional, que se diz respeito ao aprendizado somente através do livro didático na sala de aula, afinal os alunos gostam do diferente, do lúdico e do novo. Como já foi mencionado antes esse pequeno projeto tem como finalidade sensibilizar o alunado e leva-los a entender que todos merecem respeito, independente de seus traços físicos e étnicos-raciais.

Como ponto de partida utilizamos imagens do livro *Amanhecer*



*Esmeralda*, as imagens foram expostas num Datashow, desta forma fica bem mais fácil chamar a atenção dos alunos. A primeira imagem a ser utilizada retrata bem a questão dos traços africanos na personagem Manhã, que até então não se reconhecia atraente. Com base nessa imagem pedimos aos alunos que olhassem para a mesma e produzissem um pequeno texto contando a vida e rotina dessa

garotinha, ela tinha que se chamar Manhã, mas eles podiam ficar à vontade para criarem sua história. Essa atividade serviu para observarmos o tipo do estereótipo que as imagens mal interpretadas, nos livros infantis, provocam em nossos alunos. O que é bem destacado por Edith Silveira Piza em seu livro *O caminho das águas*:

A formulação de um estereótipo não aponta para a função apenas de categorizar o outro, mas de compor certos traços de nossa própria identidade. Esta identidade, que desejamos sempre positiva, vai sendo construída por oposição a, ou partilha de, traços distintivos sustentados pelos estereótipos com que nos reportamos aos outros (PIZA, 1998, p. 92).

Em um segundo momento e finalizada a produção do pequeno texto dos alunos, pedimos a cada um lesse sua pequena história para toda turma e em voz alta, terminada a exposição das histórias, questionamos os motivos que os levaram a compor tal história, explicamos também que temos que imaginar além do que os nossos olhos nos mostram, afinal nenhum dos alunos compôs uma história onde a menina era uma princesa ou bem de vida, por exemplo.

Com essa atividade percebemos que mesmo tendo chegado ao 9º ano do ensino fundamental, os alunos ainda tem uma visão marginalizada do negro, o que é preocupante para nós professores, pois a partir do próximo ano esses alunos estarão no ensino médio com essa mesma visão de mundo tão preconceituosa. E cabe ao professor mudar esse conceito tão errôneo. Uma das histórias, criadas pelos alunos, que nos chamou atenção foi a que a personagem Manhã era tão pobre que acabou roubando um pacote de bolacha e indo presa. Com isso percebemos até que ponto o negro é marginalizado na cabeça dessas crianças, e o mais irônico é que a pessoa que escreveu a história também é negra.

No terceiro momento de nosso miniprojeto, expomos a segunda imagem. Diferente da primeira, a segunda traz uma Manhã diferente, com novo visual e com uma expressão no rosto mais bonita.



Com essa segunda imagem pedimos aos alunos que a analisassem e em seguida desenham, em grupo, o lugar onde a menina de tranças rasteirinhas morava. A reação dos alunos foi bem positiva e ao mesmo tempo equivocada, todos queriam fazer o melhor desenho, o mais bonito, observamos que para eles não importava que tipo de desenhos eles iriam fazer, mas sim a descontração de poder desenhar as imagens de uma história contada por eles, além do que, cada um teve liberdade de imaginar o que eles queriam. É através da imaginação que os alunos constroem os estereótipos que darão subsídio na sua formação de identidade. Desta forma, Piza (1998, p. 27) ainda nos diz que:

Os estereótipos também não podem ser vistos como preconceitos irracionais e inválidos. Ou seja, do ponto de vista da autocognição, os estereótipos desempenham funções de percepção de si e do seu grupo que tentam adequar o indivíduo a uma dada realidade. As formas distorcidas de percepção podem vir de processos sociais de cognição, quando a distorção de um grupo pelo outro envolve dimensões políticas.

Após a atividade de desenho montamos um mural com todos os desenhos, e em seguida, lemos para os alunos toda a história do livro *Amanhecer Esmeralda* foi bem interessante usar as imagens do livro num Datashow, a atividade ficou mais pertinente de se trabalhar, de acordo com as imagens que iam passando nós íamos narrando a história da pequena Manhã, todos se surpreenderam com as diferenças entre as histórias e os desenhos que eles criaram, com a história no seu contexto real. Duas imagens nos chamaram a atenção.



Figura 13, desenho produzido por aluno em sala de aula

Essa imagem foi do aluno que citamos acima, onde ele descreveu a personagem presa, por roubo, segundo ele essa imagem diz muito sobre os jovens que roubam e vão para um reformatório.



Figura 14, desenho produzido por

Se a figura 13 nos chamou a atenção pelo fato de ser tão negativa, a imagem ao lado simplesmente nos encantou, ela foi produzida por uma menina de 13 anos que é albina e disse que o sonho dela era ser negra, pois ela acha a pele negra muito bonita. Na história dela podemos observar que o negro foi representado de maneira positiva, falava de uma menina que era negra e adorava se arrumar para sair na rua, usava as mesmas tranças que Manhã, no cabelo e se orgulhava de pertencer a essa raça.

No último momento, todos ficaram encantados com a história a partir a reação dos alunos foi iniciada uma mesa redonda, apontando as características das duas imagens explicando que as duas se tratam da mesma menina, chamada Manhã, sendo que na primeira, ela não se reconhecia bonita e nem imaginava o orgulhoso que deveria ter por ser descendente de africanos, que muitas vezes interpretamos de maneira errada os outros, que isso não acontece simplesmente através de imagens, mas sim no nosso cotidiano.

A realização deste miniprojeto nos fez perceber que nossos alunos ainda tem uma visão negativa do papel do negro na sociedade e na literatura, por ser assim cabe a nós professores trabalhar esse tema e sala de aula, e cada vez mais valorizar a cultura africana diante de nossos alunos, para que eles compreendam que para se construir uma identidade é necessário conhecer sua história e respeitar o outro independente da história dele, e além de tudo ter em mente que não é um cabelo liso ou uma pele branca que torna uma pessoa mais bonita, pois afinal todos somos iguais independente de nossa raça, cor ou nível social.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura voltada para jovens e crianças sempre teve um papel modelador na escola, pois, é através da leitura que preparamos nossos alunos para o mundo lá fora e para a maneira como eles veem o mundo. Por este motivo, analisamos neste trabalho como está representado o negro, enquanto personagem, na Literatura Infantojuvenil, levando em conta que ainda nos dias atuais se predomina o preconceito e uma visão tão inferiorizada do negro na sociedade, o que é inadmissível para um país tão rico em sua diversidade cultural e racial.

Mostramos as características da Lei de nº 10.639/03 que obriga as instituições de ensino a valorizarem a cultura e a história negras e a incluírem em seus currículos como uma maneira de incentivar aos nossos alunos a aprenderem a respeitar as diferenças e a se reconhecerem enquanto afrodescendentes. Podemos observar que ao longo da história o negro sempre foi representado, na Literatura, de maneira pejorativa, o que fez aumentar cada vez mais a visão negativa sobre essa etnia, mas em contra partida, vimos também que alguns livros já estão sendo lançados no mercado, com uma visão do negro diferente, como por exemplo, o livro *Amanhecer Esmeralda*, do paulista Ferréz. Nele podemos observar que a personagem negra, que é a personagem principal, é demonstrada de forma diferente do que estamos acostumados a ver nos livros infantis, ou seja, o tempo em que o eurocentrismo

reinou na nossa literatura. Vimos também que esse livro trabalhado em sala de aula desperta no aluno sensações e experiências muito significativas no que se diz respeito à maneira de como interpretamos o outro, através de um estereótipo.

Concluindo assim que a Lei de nº 10.639/03 contribuiu e ainda contribui no que se diz respeito à criação de obras infantojuvenis, nos proporcionando assim uma conquista positiva na construção de identidades na escola, pois é na escola onde formamos cidadãos, e que através da maneira de como levamos o negro para sala de aula, podemos alcançar resultados positivos sobre a diminuição do preconceito racial, mostrando assim que o professor tem a função de ensinar o porquê de respeitar uns aos outros independentes das diferenças, pois final somos todos iguais e pertencentes a uma só cultura, cultura essa diversificada de cores e gestos. E que através da Literatura podemos sensibilizar aos nossos alunos, alterando neles a má interpretação do que eles veem nos livros.

## ABSTRACT

This article discusses and analyzes how black characters are seen in the Children's and Adolescent Literature after the implementation of the law 10.639/03 that requires public and private companies to include in their The learning programme of teaching of History and Culture African schools. It is still a problem the fact that many schools do practice the law and continue in the role of stereotyping black characters in the books that are prepared for Children and Teenagers. Furthermore, we will examine the literature of those who value black culture as an example Ferréz that brings us in his book, *Amanhecer Esmeralda*, and a positive vision of how the black beauty can be appreciated. Our study are theoretically based in authors like Oliveira (2008), National Curriculum Guidelines for the Education of Racial-Ethnic Relations and the Teaching of History and Afro-Brazilian Culture (2005), Jovino (2006), Costa (2009) and Bakhtin (1992).

Keywords: Children and Youth Literature, History and Afro Brazilian, racial prejudice and recovery

## REFERÊNCIAS

Bakhtin, M.M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e da Cultura Afro-brasileiras e Africanas**. Brasília:2005.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2007

COSTA, Aline. S. **A busca por um estatuto da Literatura Infantojuvenil no Brasil no período de Vargas, um estudo sobre a Comissão de Literatura Infantil (1936-1939)**, Rio de Janeiro, 2005.

COSTA, Aline Santos. **A comissão nacional de literatura infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no governo vargas (1936-1939)**, Paraná, 2009.

COSTA, Cândida Soares da. **O negro no livro didático da língua portuguesa: imagens e percepções de alunos e professores**. – (Coleção Educação e Relações Racionais, 3) – Cuiaba: UFMT – IE, 2007

DIVERSIDADE, Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**, Brasília: SECAD, 2006.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodscendente, identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FERRÉZ, **Amanhecer Esmeralda**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. In: Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, 80 n. 1, p. 79-91, jan./abr. 2005

HOUAISS, Instituto Antônio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. In: LIMA, Luiz Costa (org). *A Teoria da Literatura em suas fontes*. V. II. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Org). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Literatura Afro-brasileira Infantojuvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros**, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011.

PIZA, Edith Silveira P. **O caminho das águas: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 1998.

ROCH, Rosa Margarida de C. **Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro Para todas as séries do Ensino Fundamental** Kit Escolar Contagem - MG 2006

Links: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/consciencia-negra/511253.shtml> Acessado em 05/03/2014